
O FUNCIONALISMO E O GERATIVISMO: PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS E EXPOENTES

MURAD, Carla Regina Rachid Otavio¹

Recebido em: 2010-17-05

Aprovado em: 2011-10-05

ISSUE DOI: 10.3738/1982.2278.597

RESUMO: Em todas as áreas da ciência, há teorias que se propõem a explicar fenômenos. O conjunto de teorias que podem ser aproximadas ou relacionadas são comumente reconhecidas, na esfera científica, pelo termo “correntes teóricas”. Na área de Linguística, cujo foco é pesquisar os fenômenos da língua, as principais correntes teóricas são o Estruturalismo, o Gerativismo e o Funcionalismo. A escolha por analisar essas duas correntes se deu pelo fato de que seus objetos de estudo são totalmente distintos. Enquanto os gerativistas veem a língua como uma propriedade inata condicionada pelo comportamento humano, os funcionalistas partem do princípio de que a língua é um instrumento a ser utilizado com um propósito. Assim, o objetivo desse artigo foi elencar as principais características, objetos e pressupostos de ambas correntes por meio das ideias de seus principais expoentes.

Palavras-chave: Linguística. Funcionalismo. Gerativismo.

SUMMARY: In every area of science, there are theories which aim at explaining their phenomena. The set of theories which may be approximated or related are commonly recognized through the term “theoretical chains”. The focus of Linguistics, as a scientific field, is to research language phenomena and its principal theoretical chains are the Structuralism, the Gerativism and the Functionalism. The choice for analyzing both chains can be explained by the fact that their study object are completely distinct. While the gerativists see language as an innate property of human beings conditioned by behavior, the functionalists’ assumption is that language is an instrument to be used for a purpose. The objective of this article was to list some of the main characteristics of both theories, objects and assumptions by means of their main exponents’ ideas.

Keywords: Linguistics. Functionalism. Gerativism.

INTRODUÇÃO

Para que um estudo linguístico faça sentido científico é preciso pensá-lo, primariamente, em termos de concepções de método, objeto e teoria. Esta última tem a função de nortear ou direcionar o pesquisador a optar por uma concepção de língua que, por sua vez deve estar relacionada com um tipo de método específico de análise e descrição do fenômeno a ser investigado.

Iniciar um estudo linguístico sem conhecer as principais correntes teóricas que a constituem pode inviabilizar a possibilidade da ligação entre concepção de língua, método e teoria resultar em ciência, criando, o que comumente se diz na comunidade científica, uma “colcha de retalhos”. Por isso, é importante conhecer as diversas teorias e a formação das correntes teóricas, suas filiações e a relação entre os principais representantes dessas teorias,

¹ Doutoranda em Letras. Unniversidade Federal de Uberlândia – UFU. MSc. Em Linguística Aplicada.

para que, no percurso do estudo, o pesquisador seja capaz de realizar ligações coerentes e coesas em seu texto.

Assim, o objetivo desse trabalho é proporcionar uma contribuição ao entendimento de duas das principais correntes linguísticas contemporâneas, o Gerativismo e o Funcionalismo, via seus principais revisionistas.

O artigo está dividido em duas partes. Na primeira, trato do Funcionalismo de Halliday sob a ótica de Martelotta (2003), um dos principais revisionistas brasileiros capaz de elencar os principais pressupostos dessa teoria. Na segunda, trato do Gerativismo de Chomsky (2005) na perspectiva de Lyons (1987).

O funcionalismo linguístico

O funcionalismo é uma corrente teórica derivada de uma base estrutural da linguagem inaugurada pelos estudos lingüísticos propostos por Saussure a partir do século XX. Ao romper com a tradição teórico-metodológica histórica, os estudiosos ditos modernos se propuseram, a partir da noção saussuriana de língua enquanto sistema, a analisar e descrever o funcionamento deste sistema.

A descrição seguiu duas tendências distintas, apesar de ambas nascerem de trabalhos expressos pelo Círculo Linguístico de Praga. A primeira, de cunho mais formalista, se aproxima da vertente estruturalista podendo ser vista entre os linguistas da Escola de Copenhague. Esses analisaram a língua em sua autonomia e dedicaram-se ao estudo da lógica interna do sistema da língua, sua forma, deixando a função para um segundo plano. Porém, segundo Martelotta (2003, p. 18), esse tipo de análise estava “restrita à rede de dependências internas em que se estruturam os elementos da língua”, tendendo à uma radicalidade na constituição dos fatos.

Foi a segunda vertente, de bases filosóficas alemãs, que influenciaram o enfoque funcionalista do estruturalismo de Praga, pois via a função “como elemento essencial à linguagem” (op. cit., p.18). Pode-se dizer que enquanto uma se põe a descrever e analisar os aspectos da *langue* de Saussure, a outra se debruça sobre as questões da fala, ou *parole*, ou seja, a função desempenhada pela forma linguística no ato comunicativo, contextualizada pelos aspectos pragmático-discursivos (língua em uso).

O conceito de função nem sempre é esclarecido em análises linguísticas e nem sempre possuem características semelhantes. Para Nichols (apud MARTELOTTA, p.18) “a função é um termo polissêmico e não uma coleção de homônimos”. No entanto, comum a todos eles jaz o sentido estrutural que a função tem no processo comunicativo, se ligando a outros elementos que podem ser também estruturais ou não, de outras ordens ou domínios.

Os linguistas da escola de Praga utilizaram a noção de função como relação, ou seja, como a função se relaciona com o sistema linguístico como um todo, em oposição a noção de categoria que atribuiria propriedades aos elementos da língua. Trata-se da noção teleológica de função, ou seja, a língua, enquanto sistema funcional é utilizada para um determinado fim, sendo a intenção do locutor o fundamento do discurso.

Martelotta (op.cit., p.19) conclui que o estruturalismo seguiu duas tendências que se dividiram em dois pólos que variaram segundo a ênfase que os estudos atribuíam à função em seus modelos teóricos, a saber: o pólo formalista e o pólo funcionalista. Retomando o que foi dito anteriormente, é importante ressaltar a diferença de concepção de língua para ambos os pólos: enquanto no formalista a língua é um objeto autônomo, no pólo funcionalista ela é instrumento de comunicação. Na primeira perspectiva, a estrutura independe de seu uso, ou seja, a língua é observada de forma isolada, fora do seu contexto de uso, enquanto na segunda, ela está sujeita às situações comunicativas, ou seja, a língua sofre modificações resultantes desse contexto comunicativo.

O pólo funcionalista teve vários expoentes que merecem ser citados, pela sua fundamental contribuição teórica e cuja influência é, há muito tempo, notada nos estudos voltados à língua em uso, como, por exemplo, a Escola de Genebra, tendo, como principais representantes (todos influenciados por Saussure) Charles Bally, que se debruçou sobre o aspecto individual da linguagem, ou seja, a fala, Albert Sechehaye, que se propôs a analisar as idéias de Saussure e Henri Frei, cujas associações entre os fatos linguísticos e determinadas funções a eles relacionados propôs uma nova visão sobre os desvios da gramática normativa.

Essa influência não parou por aí. Enquanto que na Escola de Praga destacam-se Martinet e Jakobson, na Escola de Londres, Halliday, com o objetivo de estabelecer alguns princípios gerais relacionados ao uso da linguagem (1978, p.125), baseou seus estudos no funcionalismo etnográfico e no contextualismo de Malinowski. Seus estudos de campo foram de enorme inspiração para a Linguística de modo geral até hoje. No grupo holandês tem-se Dik, que estudou o processo bem-sucedido da expressão linguística dos falantes.

Já nos Estados Unidos, o funcionalismo seguiu outro caminho, como mencionado anteriormente, com tendência formalista, cujo expoente foi Leonard Bloomfield com sua linguística gerativa. Apesar de ter sido fundamentalmente norte-americana, há uma inclinação nesta tendência para o pólo funcionalista nos estudos descritivos de Franz Boas, na tradição etnolinguística de Sapir e Whorf e nos trabalhos etno-sociolinguistas de Bolinger, Kuno, Del Himes, Labov, e posteriormente Langacker e Lakoff com sua linguística cognitiva, que se afasta da tradição formalista. (op. cit., p. 22). De acordo com Martelotta:

[...] o termo funcionalismo ganhou força nos Estados Unidos a partir da década de 1970, passando a servir de rótulo para o trabalho de lingüistas como Sandra Thompson, Paulo Hopper e Talmy Givón, que passaram a advogar uma lingüística baseada no uso, cuja tendência principal é observar a língua do ponto de vista do contexto lingüístico e da situação extralingüística. (MARTELOTTA, 2003, p. 23)

Nessa concepção, a sintaxe está em constante mudança devido ao discurso, pois estuda a língua em uso, em contextos discursivos específicos, espaço onde a gramática é constituída.

Givón (apud MARTELOTTA, 2003, p. 28) faz uma revisão de nove principais premissas funcionalistas, que serão explanadas a seguir, por meio de um quadro, a saber:

A linguagem é uma atividade sociocultural:	: em oposição a visão descontextualizada formal preocupada em isolar elementos do sistema
A estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas	: a gramática pode mudar segundo as necessidades comunicativas e discursivas de uma situação.
A estrutura é não-arbitrária, motivada e icônica	: não-arbitrária porque o falante ou usuário da língua não inventa, simplesmente novos rótulos para os referentes, mas os cria, a partir de material já existente na língua; motivada porque modifica as estruturas segundo razões, motivos ou parâmetros já conhecidos, como o sentido (<i>pé da mesa</i> = motivação semântica), a derivação (<i>apagador, leiteiro</i>) ou composição (ambas seguindo uma motivação morfológica) e as onomatopéias (<i>cocoricó</i> = motivação fonética); e icônica , porque não ordenamos uma sequência de idéias arbitrariamente, mas motivados por uma realidade. A essa motivação dá-se o nome de iconicidade .
Mudança e variação estão sempre presentes	: segundo a teoria de gramaticalização, as formas têm seu uso estendido por processos de mudança, motivados pelo uso e cognição.
O sentido é contextualmente dependente e não-atômico	A significação não se baseia numa relação entre símbolos e dados de um mundo real de vida independente, mas no fato de que as palavras e as frases assumem seus significados no contexto, que decorrem de padrões criados culturalmente.

As categorias não são discretas	: devido ao fato de haver uma função comunicativa do elemento estrutural, ou seja, o elemento estrutural desempenhar um papel no ato comunicativo, ele se relaciona com o sistema como um todo.
A estrutura é maleável e não-rígida	: ela é constituída no momento da interação discursiva pelos falantes ao utilizarem estratégias de organização da informação, e não rígida, padronizada. A sintaxe existe para desempenhar uma função na língua.
As gramáticas são emergentes	: as pressões oriundas das diferentes situações comunicativas podem ajudar a determinar sua estrutura gramatical
As regras de gramática permitem algumas exceções	: devido ao fato de que a sintaxe não é autônoma, mas subordinada a mecanismos semânticos processados durante a produção linguística em determinados contextos de uso.

O gerativismo linguístico

O gerativismo é uma corrente derivada do funcionalismo, com princípios, premissas e axiomas próprios e distintos e que se baseia no fato de que a linguagem é um produto (ou output) de uma faculdade própria de um órgão interno, que é a mente ou cérebro. A linguagem é denominada de gramática que determina uma infinidade de expressões lingüísticas. Em outras palavras, a língua, que é inata ao homem, e portanto, interna, “geraria” as expressões da linguagem. Daí o termo “gramática gerativa”.

O contexto do surgimento do Gerativismo linguístico remonta os anos 50, na época da conhecida “revolução cognitiva” que teve grande influência em sua constituição e seu reconhecimento científico, pois ofereceu uma importante mudança de perspectiva: passou-se a estudar os mecanismos internos relacionados ao pensamento e à ação, e não mais os comportamentos e seus produtos, ou seja, a língua começa a ser entendida como uma propriedade interna em vez de um produto social, externo.

Na perspectiva cognitiva, o comportamento social não é o objeto de pesquisa, ele passa a ser um dado que pode fornecer evidências sobre os mecanismos internos da mente. Reconheceu-se, nessa época que a linguagem envolvia “o uso infinito de meios finitos” (CHOMSKY, 2005, p.33). A meu ver, ele faz uma delimitação de ordem formal e empírica à sua abordagem de estudo da linguagem, a saber:

A abordagem é “mentalística”, o que não deve ser entendido num sentido controvertido. Ela está preocupada com “aspectos mentais do mundo”, que se apresentam junto com seus aspectos mecânico, químico, óptico e outros. Isso

corresponde a estudar um objeto real no mundo natural – o cérebro, seus estados e suas funções – e, assim, a conduzir o estudo da mente em direção a uma eventual integração com as ciências biológicas. (CHOMSKY, 2005, p. 33)

O termo “formal”, aqui é utilizado pelo fato dos estudos gerativistas estarem ligados a uma ciência já estabelecida, ou, as ciências naturais; já o termo “empírico” remete ao fato de que a linguagem pode ser observada como um objeto, como acontece nas ciências naturais. Lyons (1987, p. 183), no entanto, adverte sobre o significado de ‘empírico’ nas pesquisas de Chomsky afirmando que “empírico, é preciso lembrar, não implica nenhum compromisso com o empirismo” e sim com a interdisciplinaridade, ou seja, com a contribuição de outras áreas de estudo, como, por exemplo, a Psicologia, para a compreensão dos fenômenos da linguagem, ou a psicolinguística, um tipo de “interseção da psicologia com a lingüística” (*op. cit.*, p. 178)

Essa explicação implica que Chomsky está mais para racionalista do que empirista, pois como a maioria dos racionalistas, segundo Lyons:

...ele é de opinião de que os princípios através dos quais a mente adquire conhecimento são inatos: que a mente não é apenas uma pedra lisa sobre a qual a experiência deixa a sua impressão, mas deve ser imaginada [...] com um bloco de mármore, que pode ser talhado em várias formas diferentes, mas cuja estrutura impõe restrições sobre a criatividade do artista. (LYONS, 1987, p. 182)

O estudo de aquisição da linguagem foi uma das primeiras tentativas de se consolidar os pressupostos gerativistas. A aquisição da linguagem era comparada com o “crescimento de órgãos – é algo que acontece a uma criança, e não o que a criança efetivamente faz (CHOMSKY, 2005, p.35).” Não haveria realmente uma diferença entre as línguas, ou seja, há uma base, uma gramática universal que é ativada segundo a geografia a qual pertencemos. Por exemplo, ao nascer no Brasil, a criança conseqüentemente ativará os princípios, ou, nas palavras de Chomsky, “interruptores” (p.37) da língua portuguesa, ao mesmo tempo em que, supõe-se que, se a mesma criança tivera nascido na Itália, ela acionaria o sistema linguístico italiano. Assim sendo, Chomsky conclui que “as linguagens são produtos do mesmo molde, variação de um mesmo tema [...] com diferenças apenas marginais” (p. 35).

A gramática universal tem uma relação muito íntima com a filosofia, que serviu como justificativa para a subordinação da gramática à lógica. De acordo com Lyons (1987, p. 177), é antiga a ligação entre a filosofia da linguagem, o estudo do raciocínio (lógica) e a epistemologia que perfazem um suporte para o pressuposto de que o pensamento é um tipo de fala interior, gerando assim, inúmeras versões do ponto de vista filosófico, sobre a linguagem. Já os linguistas do século XIX que lutavam para o estabelecimento da Lingüística como campo autônomo de conhecimento, repudiaram esse ponto de vista através da lingüística

diacrônica que favorecia a explicação histórica em detrimento da filosófica. Apesar das divergências epistemológicas, o fato é que uma nova forma de pesquisa foi inaugurada por Chomsky, e seu valor foi inegável à Linguística. Nas palavras de Lyons:

A versão de Chomsky de gramática universal tem os mesmos pressupostos que versões anteriores têm a respeito da universalidade da lógica tradicional e sobre a interdependência da linguagem e do pensamento. É sua opinião, no entanto, que o estudo empírico da linguagem tem mais contribuições a fazer para a filosofia da mente do que a lógica tradicional e a filosofia da linguagem para a linguística. Isto faz uma diferença profunda na maneira pela qual a argumentação é conduzida, mesmo quando o assunto em discussão é reconhecidamente tradicional, por exemplo, se a faculdade da linguagem é ou não inata. (LYONS, 1987, p. 178)

A seguir, um quadro explicativo das principais premissas do gerativismo, retiradas do livro de Chomsky, seguidas de uma explicação:

“A faculdade humana da linguagem é uma propriedade da espécie”.	A linguagem é um produto da evolução biológica, e como tal, tem uma natureza própria passível de ser parcialmente observada.
“A faculdade da linguagem pode ser considerada um “órgão da linguagem”.	A linguagem é uma capacidade inata, nascemos com ela, portanto, ela é interna. Essa é uma oposição ao behaviorismo cuja premissa se baseia no fato de que a linguagem é externa ao indivíduo.
“O “estado inicial” da linguagem é geneticamente determinado.”	O estado inicial é um sistema de aquisição da linguagem que toma a experiência como input e fornece a linguagem como output.
“Os indivíduos possuem uma gramática internalizada.”	A gramática é a língua que determina uma gama infinita de expressões linguísticas, cada uma com seu som e significado, gerando a fala, expressão do seu desempenho.
“A gramática internalizada é universal.”	A faculdade da linguagem é uma capacidade comum a todos os seres humanos, ela é “produto de um mesmo molde.” A diversidade e a complexidade das línguas não passam de um aspecto superficial.
“Cada língua humana é identificada como um conjunto de parâmetros.”	As condições empíricas da aquisição da linguagem exigem que os parâmetros ou interruptores sejam acionados com base em informações limitadas disponíveis à criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso reflexivo sobre o significado de Linguística como um conhecimento científico a ser construído e constituído por teorias, métodos e pesquisadores pode fazer a

diferença na produção científica. A falta desse conhecimento poderia levar a uma ilusória idéia do que seria “pesquisa científica” ou “ciência”, e como consequência, em vez de pesquisa estaria-se produzindo “equívocos científicos.”

Uma pretensão seria acreditar no poder diante dos dados, que o pesquisador teria de ter um olhar neutro em relação ao que for pesquisar. A relação entre o pesquisador, o fato, a teoria, o método precisa estar minimamente definida para que os acontecimentos no percurso da pesquisa façam sentido e possam ser compreendidos de forma científica.

Conforme mencionei anteriormente na Introdução, o sentido de um estudo linguístico científico deve passar pelo escrutínio dos métodos e das teorias. Espera-se que, desse esforço mental, sementes possam germinar e proporcionar frutos que amadurecerão ao longo do processo, resultando, não em supostas conclusões sobre aparentes verdades, mas, em verdadeiras experiências que possam ser percebidas como sendo cientificamente autênticas para a vida acadêmica.

REFERÊNCIAS

- CHOMSKY, N.. **Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente**. Trad. Marco Antônio Sant’Anna. São Paulo: UNESP, 2005.
- HALLIDAY, M. A. K. As bases funcionais da linguagem. In DASCAL, M. (org) **Fundamentos metodológicos da lingüística**, v. 1. São Paulo: Global, 1978 . p. 125 a 161.
- LYONS, J.. **Linguagem e lingüística**: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 1987. p.177 a 197.
- MARTELOTTA, M. E. ET AL. (orgs.) **Lingüística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP & A, 2003. p. 17 a 55.